

Do jeitinho à inovação, o desafio brasileiro

Pesquisas de Aghion, Howitt e Mokyr, que dividiram o Nobel, mostram que não basta inovar. É preciso reconhecer, testar, refinar e institucionalizar o que funciona

Por Paulo Rocha e Oliveira

Valor, 31/10/2025

O Prêmio Nobel de Economia de 2025 reconheceu três economistas que ajudaram a decifrar um dos grandes mistérios do progresso humano: porque algumas sociedades crescem de forma sustentada enquanto outras ficam para trás. Philippe Aghion, Peter Howitt e Joel Mokyr ofereceram respostas complementares e influentes. Mostraram que inovação não é apenas fruto de genialidade individual. É uma construção institucional.

Aghion e Howitt desenvolveram um modelo de crescimento por destruição criadora, que mostra como novas ideias substituem as antigas e alimentam ciclos de renovação econômica. Mokyr mergulhou na história para explicar como o conhecimento técnico se acumula, circula e se transforma em avanço real. Juntos, demonstraram que crescimento durável depende de estruturas que aprendem. Ambientes onde o novo é testado, assimilado e amplificado.

Pode parecer intuitivo, mas só parece simples porque foi bem explicado. O que esses economistas fizeram foi transformar uma intuição vaga em teoria sólida e evidência concreta. Por isso ganharam o Nobel. E por isso vale entender suas ideias. Aplicá-las não exige genialidade. Exige compromisso com o aprendizado.

Essa lição é especialmente relevante para o Brasil. Porque aqui as ideias não faltam. O que falta são estruturas que transformem o improviso em aprendizado.

Nos últimos anos, venho pesquisando o jeitinho brasileiro com outra lente. Em vez de tratá-lo como problema moral ou curiosidade folclórica, proponho entendê-lo como uma forma de adaptação informal. Um recurso que emerge quando os processos travam e alguém precisa resolver. Em uma pesquisa recente, com amostra nacional da população economicamente ativa, identifiquei que a maioria dos profissionais já recorreu ao jeitinho para lidar com problemas reais. Mais da metade afirmou que a liderança sabia, mas preferiu não se envolver. O improviso não é exceção. Está incorporado à rotina. E sobrevive porque não é formalizado.

O que chama atenção não é a criatividade individual, mas a ausência de escuta institucional. O improviso resolve, mas não ensina. E o sistema, por não escutar, não evolui.

Numa fábrica, a programação da produção era feita por um único funcionário experiente, de cabeça, com base na memória e nas relações que cultivou. Nada disso passava pelo sistema oficial. Funcionava. Até que sua aposentadoria se aproximou e os gestores perceberam que a operação dependia demais de uma só pessoa.

Em uma empresa de logística, um carregamento urgente foi bloqueado por uma nova regra mal comunicada. O operador, acostumado com o buraco no sistema, ligou direto para o analista. Pediu a liberação manual. O analista hesitou, mas confiava nele. Autorizou. A carga saiu. Ninguém registrou o ocorrido. No dia seguinte, o erro voltou e travou tudo de novo. Essas histórias se repetem em empresas de todos os tamanhos e setores. Não soam extraordinárias para quem conhece o cotidiano corporativo brasileiro. Pelo contrário, parecem parte natural do funcionamento das coisas. Mostram como a criatividade brasileira pode ser poderosa, mas também revelam um limite estrutural: criamos atalhos para resolver, mas não criamos mecanismos para aprender.

É aqui que as ideias do Nobel ganham relevância. Aghion, Howitt e Mokyr explicam como o progresso técnico se transforma em crescimento. E porque isso depende menos de invenções geniais e mais da capacidade de aprender com o que já funciona.

Aghion e Howitt mostram que crescimento depende da capacidade de gerar e absorver inovações. O progresso exige que o novo substitua o antigo. E isso só acontece quando há competição, incentivo ao risco e instituições que favorecem o aprendizado. Sem esse ambiente, boas ideias se perdem.

Mokyr, por sua vez, mostra que os grandes avanços da história surgiram em sociedades que valorizavam a prática, a crítica e o conhecimento aplicado. Ele demonstra que inovação floresce onde tentativa, erro e refinamento são vistos como parte do processo, não como falha.

As duas abordagens se complementam. Aghion e Howitt oferecem a estrutura econômica. Mokyr aponta as condições culturais que fazem essa estrutura funcionar. Juntos, mostram que não basta ter boas ideias. É preciso reconhecer, testar, refinar e institucionalizar o que funciona.

O Brasil improvisa bem, mas escuta pouco. O jeitinho, muitas vezes, não subverte a norma. Ele corrige falhas do sistema. Ignorá-lo é desperdiçar aprendizado.

Mas há empresas que começam a mudar. Vi em uma indústria de bens de consumo uma planilha criada pelos operadores que virou ferramenta central da operação. Era visual, colaborativa, funcional. Quando começou a travar, a liderança decidiu transformá-la em software. Incorporaram o que havia de melhor da solução informal e profissionalizaram o processo. O improviso virou sistema.

Esse é o ciclo virtuoso que os economistas premiados descreveram. Ideias que nascem na prática ganham reconhecimento institucional e alimentam o aprendizado formal. A inovação deixa de depender do acaso e passa a ser uma escolha estratégica. E essa escolha se fortalece quando há estrutura para sustentá-la.

As pesquisas de Aghion, Howitt e Mokyr mostram que inovação durável exige mais do que criatividade pontual. Requer ambientes que reconheçam, absorvem e amplificam o que funciona. Nas empresas, isso significa escutar quem resolve, documentar o que dá certo e transformar boas soluções em novos padrões. Nos setores, significa ter regulações que incentivem experimentação, recompensem melhoria contínua e facilitem a difusão do conhecimento. No país, significa cultivar uma cultura de aprendizado que valorize o saber prático tanto quanto o teórico e contar com instituições capazes de transformar a experiência em política.

O Brasil tem talento para improvisar. O que falta é transformar esse talento em aprendizado acumulado. O jeitinho pode ser mais do que solução temporária. Pode ser semente de inovação.

Essa é a lição do Nobel de 2025. Inovar não é só inventar. É construir sistemas que escutam, aprendem e melhoram continuamente. É transformar exceção em regra. E o improviso em vantagem.

Paulo Rocha e Oliveira, PhD em Management Science pelo MIT, é professor no ISE e IESE Business School.